

Autor: Fábio P. Mezzadri

Data: 09/08/2004

COURO

Valorização do Couro

O couro, que muitas vezes é tratado como subproduto, atualmente em algumas situações chega a valer mais que a carne. Fazendo um comparativo, conclui-se que nos anos 70 e 80, o couro valia aproximadamente 5% do valor da arroba do boi e hoje chega a valer 12 a 14% sobre o valor da mesma arroba.

Este fato se deve, em grande parte à melhoria da qualidade do couro brasileiro, o que ocasionou mudanças no mercado e na comercialização. Em décadas anteriores, as peças de couro eram em sua maior parte, utilizadas na fabricação de calçados e artefatos, devido à impossibilidade de se fazer cortes maiores pela baixa qualidade do produto. Nos últimos anos o couro nacional foi descoberto pela indústria do estofamento, fato que mudou o cenário do mercado.

Atualmente grande parte dos defeitos no couro são provenientes de práticas indevidas que ocorrem ainda dentro da propriedade, desde o nascimento do animal até o transporte para o frigorífico, onde rotineiramente ocorre uma série de lesões no couro.

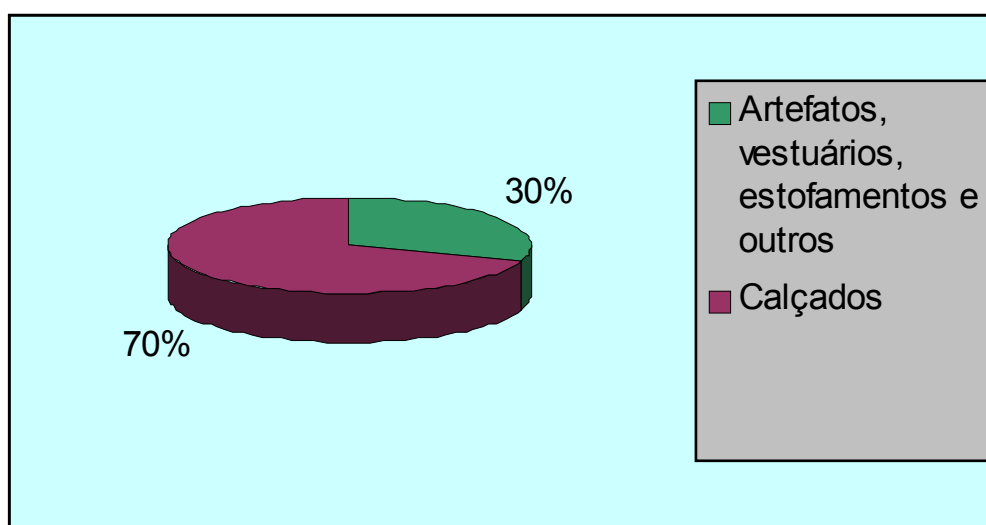
Os defeitos no couro do animal, podem ser divididos em dois grupos: os naturais, como infestação por berne e carrapato, mosca-do-chifre, riscos de espinhos e galhos (pastagens sujas), brigas, etc..., e as agressões do homem, como furos de ferrão, arranhões, cicatrizes provocadas por currais com defeitos, cercas, no transporte inadequado e principalmente por marca a fogo em regiões impróprias do corpo do animal.

Os defeitos encontrados nas peças por ação da natureza, são eventualmente “mascarados” pela tecnologia e pela própria moda, contribuindo para a minimização dos prejuízos. Em contrapartida, as lesões no couro provocadas pelo homem, são responsáveis pelo menor preço recebido pelo boi brasileiro quando comparado ao boi americano. A maioria dos produtores ainda realiza a marcação a fogo

em seus animais, em regiões que prejudicam muito e muitas vezes até inutilizam a peça, como anca e linha dorso lombar. Essa prática incorreta acarreta em uma desvalorização da pele do animal de até 30%. Desde 1965, existe uma lei (Nº 4.714/65), que determina os lugares onde deve ser efetuada a marcação, porém esta lei só é cumprida por uma minoria de produtores conscientes na importância de cuidar do produto em sua origem.

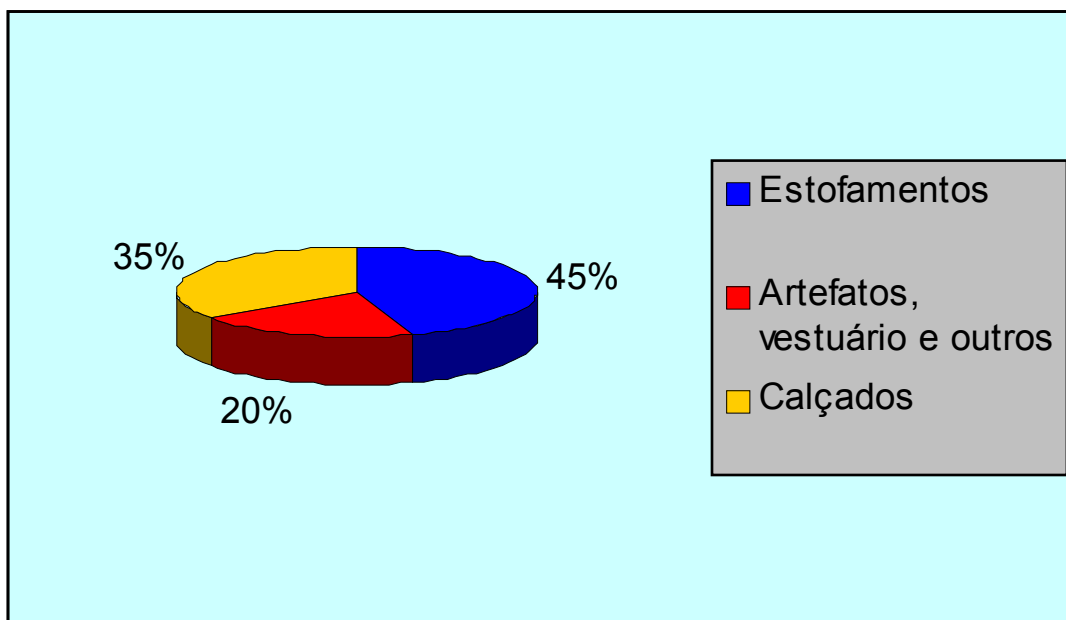
Segundo, José Humberto de Oliveira Cunha, da Braspelco, em outros países, principalmente nos EUA os couros são de alta qualidade, onde apenas 8% das peles apresentam defeitos. Por esse motivo, o couro americano é vendido a US\$55,00 em média, o couro brasileiro atualmente devido ao grande número de defeitos que aparecem nas peças, tem sido comercializado pela metade deste valor, US\$30,00. Essa perda, representa um prejuízo de US\$690 a US\$862,5 milhões/ano para a pecuária brasileira como um todo.

Utilização do Couro no Mundo – Década de 80



Fonte: Cunha, José H.O. in Cultivar Bovinos, ed.09.cultivar:Pelotas 2004

Utilização do Couro no Mundo – Anos 2000



Fonte: Cunha, José H.O. in Cultivar Bovinos, ed.09.cultivar:Pelotas 2004

Processamento e Exportações do Couro no Estado do Paraná e no Brasil

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil no ano de 2002, processou 28.759.701 unidades de couro bovino. O Estado do Paraná, no mesmo ano processou 2.995.616 unidades do produto, sinalizando um mercado promissor ainda a ser amplamente explorado, porém ainda modesto devido ao grande desperdício de peças, pelas práticas inadequadas de manejo já citadas anteriormente. No mesmo ano (2002), o Paraná exportou 26.218.402 Kg de peles e couros. O Brasil naquele período, enviou ao exterior 241.499.086 Kg destes produtos (MDIC/SECEX / sistema Aliceweb – abr/04).

Fábio Peixoto Mezzadri – Méd. Veterinário
SEAB/DERAL/DCA